

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. Miranda, S. Reis e
M. Miguel.

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA

Número avulso 1\$50
Assinatura anual 15\$00

ANO XVI

MAIO 1955

N.º 104

A formação do carácter

A grande obra dos pais e dos mestres, é a formação do carácter — procurar restaurar a imagem de Cristo nos que se acham sob os seus cuidados. O conhecimento das ciências torna-se insignificante em comparação com esse grande objectivo; mas toda a verdadeira educação pode auxiliar no desenvolvimento de um carácter recto. A formação do carácter é obra de toda a existência, e fica para a eternidade. Pudessem todos compreender isto, despertando para o facto de que estamos individualmente decidindo o nosso próprio destino e de nossos filhos para a vida eterna ou a eterna ruína, que mudança se operaria! Quão diversamente seria empregado o nosso tempo de prova, e de que nobres caracteres estaria cheio o nosso mundo!

A interrogação que nos deve impressionar, a cada um, é: Sobre que fundamento estou eu edificando? Temos o privilégio de esforçar-nos para alcançar a vida imortal; e é da máxima importância que cave-mos fundo, removendo todo o entulho, e edifiquemos sobre a sólida rocha, Cristo Jesus. Ele é o firme fundamento. «Ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo.» 1 Cor. 3:11. N'Ele, unicamente, reside a nossa salvação. «Nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.» Actos 4:12.

Uma vez colocado o firme fundamento, precisamos de sabedoria a fim de saber como convém edificar. Quando Moisés estava prestes a erigir o santuário no deserto, foi advertido: «Olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou.» Heb. 8:5. Em sua lei, deu-nos Deus o modelo. A edificação do nosso carácter deve operar-se segundo «o modelo que no monte se te mostrou.» A lei é a grande

norma de justiça. Representa o carácter de Deus e é a prova da nossa lealdade ao Seu governo. E ela nos é revelada, em toda a sua beleza e excelência, na vida de Cristo...

Na obra da edificação do carácter, é necessária exactidão. Deve existir um sincero propósito de executar o plano do Construtor-Mestre. Sólidas devem ser as vigas. Não se pode aceitar obra descuidada, não merecedora de confiança, pois isto arruinará a edificação. As faculdades de todo o ser devem ser colocadas na obra. Esta exige a força e a energia da varonilidade; nenhuma reserva para ser gasta em assuntos destituídos de importância... Deve haver sincero, cuidadoso e perseverante esforço para romper com os costumes, regras e associações do mundo. Profundidade de pensamento, sinceridade de designio, firme integridade, são essenciais.

Não deve haver preguiça. A vida é coisa importante, um sagrado depósito; e todo o momento deve ser sãbiamente aproveitado, pois os seus resultados se não-de ver na eternidade. Deus requer que cada um faça todo o bem possível. Os talentos por ele confiados à nossa guarda devem ser aproveitados ao máximo. Ele no-los colocou nas mãos para serem empregados para honra e glória do Seu nome, e para o bem dos nossos semelhantes...

Pais, professores, alunos, lembrai-vos de que estais edificando para a eternidade. Vede que seja seguro o vosso fundamento: construí então firmemente, e com persistente esforço, mas com brandura, mansidão e amor. Assim permanecerá a vossa casa inabalável, não somente quando sobrevierem as tempestades da tentação, mas quando o esmagador dilúvio da ira de Deus assolar o mundo.

E. G. White

Causas de uma vida cristã infeliz

por E. FERREIRA

Deus ama os Seus filhos e deseja vê-los felizes.

Sem dúvida que não podem ser felizes aqueles que ainda não fizeram paz com Deus. Esses «são como o mar bravo, que se não pode aquietar, e cujas águas lançam de si lama e lodo. Os ímpios, diz o meu Deus, não têm paz.» Isa. 57:20, 21.

Mas porque será que muitos daqueles mesmos que um dia se entregaram a Cristo continuam ainda infelizes?

«Uma coisa te falta»

Uma causa frequente de desassossego espiritual consiste em nos termos arrependido de todos os pecados, excepto de um. É precisamente esse pecado que continua a estabelecer separação entre nós e o nosso Deus. A Bíblia não diz que basta um arrependimento parcial. O seu apelo é: «Vinde e convertei-vos de *todas* as vossas transgressões, e a iniquidade não vos servirá de tropeço». Ezeq. 18:30.

Por vezes arrependemo-nos de tudo, mas há alguma coisa que nos resta ainda reparar. Há, por exemplo, algo a restituir. É verdade que certas reparações são praticamente impossíveis e, depois de havermos feito tudo quanto estava ao nosso alcance, não devemos perder a paz. Mas outras reparações podem ser feitas, e, quando nos desleixamos, a sua lembrança perturba, e com razão, a tranquilidade do nosso espírito.

Ao entregarmos o coração a Deus, houve talvez um ídolo, a que cumumentemente se não chama pecado e ao qual não renunciámos ainda. No entanto, a ordem é bem clara: «Amarás ao Senhor teu Deus de *todo* o teu coração, e de *toda* a tua alma, e de *todo* o teu entendimento, e de *todas* as tuas forças.» Marc. 12:30. O mancebo rico havia renunciado a quase tudo, mas deixou que as suas riquezas constituíssem para ele um ídolo. «Falta-te uma coisa», disse-lhe então Jesus. E qual foi o resultado de não ter abandonado aquele único ídolo que lhe restava derrubar? — «Retirou-se triste». Marc. 10:21, 22.

O mesmo sucede com aquele que se não arrepende de todos os seus pecados, que

não repara todo o mal que lhe é possível e que não entrega a Deus todo o seu coração.

Outras causas

Acontece por vezes que uma alma sincera se arrependeu de todos os seus pecados e se entregou inteiramente a Deus, e apesar disso quase sufoca, sem aquela paz que ambicionava ter. Parece-lhe que Deus ainda não perdoou os seus pecados e ainda a não aceitou. É esta uma das tentações mais cruéis de Satanás, de que com frequência são vítimas cristãos de nobres sentimentos. *O que falta a esses crentes é a fé nas promessas de Deus.* Pensarão talvez que é o seu arrependimento que lhes ganha o favor divino. Esquecem-se do amor de Deus, que, apesar e por causa dos nossos pecados, O levou gratuitamente a dar-nos o Seu Filho unigénito para nos salvar. Esquecem-se de amorosos convites, como este: «Desfaço as tuas transgressões como a névoa, e os teus pecados como a nuvem; torna-te para Mim, porque Eu te remi.» Isa. 44:22. Que nenhuma alma aflita, que sinceramente se entregou a Deus, se deixe atormentar pela dúvida; pode ter a alegre certeza de que Deus a aceitou!

Acontece também que com a rotina da vida diária temos o nosso tempo de tal maneira ocupado que acabamos por *não entreter comunhão com Deus.* Oramos à pressa, repetindo maquinalmente mais ou menos as mesmas palavras, e negligenciamos pôr-nos em íntimo contacto com o Céu. A oração secreta «é a vida da alma. É impossível a alma prosperar negligenciando a oração secreta». (*Aos pés de Cristo*, pág. 149). E quando deixamos de cultivar uma vida de constante amizade com Deus, alimentada por essa espécie de oração e pelo estudo atento da Revelação escrita, sentimo-nos desligados do Céu e, confinados a nós mesmos, experimentamos a sensação de que algo nos falta, que nos não deixa ser felizes.

Outra causa de mal-estar espiritual é a atitude de *descontentamento* perante as coisas da vida. Somos cercados de tantas

bênçãos em que mal reparamos! O hábito de passarmos por alto essas bênçãos, além de constituir ingratidão, leva-nos a sentirmo-nos infelizes sem necessidade. Contra tal atitude nos adverte o apóstolo Paulo: «Tendo cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus, e de que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe». Heb. 12:15. Para que demorar os nossos olhares nos defeitos do próximo, quando podíamos antes fixá-los nas suas qualidades? Para que enumerar todos os espinhos da nossa vida, quando nos perfumam tantas rosas em que nem sequer reparamos? Cultivemos o hábito de procurar o aspecto bom das coisas e seremos sobejamente recompensados.

Que dizer da *inveja* como causa de infelicidade? A inveja é o preço mais caro que pagamos pela nossa involuntária admiração das qualidades de outrem. Constitui a confissão mais humilhante da nossa própria impotência. Em vez da inveja, porque não cultivarmos uma abnegada e nobre atitude de reconhecimento das qualidades e vantagens alheias? O mundo é suficientemente amplo para nele ocuparmos o nosso lugar sem necessidade de privarmos o próximo de ocupar também o seu.

Existe outra causa de infelicidade, que faz a ruína de milhões de pessoas — a *maledicência*. Ao estudarmos as Sagradas Escrituras, choca-nos ver como este mau hábito é denunciado. Lemos: «Não vos associeis... com o maldizente» (1 Cor. 5:11); «Os murmuradores, os detractores... são dignos de morte (Rom. 1:30, 32); «Não erreis: nem os devassos... nem os maldizentes... herdarão o reino de Deus» (1 Cor. 6:10). E, o que é pior, a maledicência tem frequentemente, como

resultado, o semear contendas entre irmãos, o que o Senhor «abomina». Prov. 6:16, 19. Embora na apreciação comum pouca importância se lhe atribua, este hábito, impossível de manter em quem experimente uma vida de amizade com Deus, constitui uma das mais lamentáveis fontes de infelicidade — para aquele de quem se fala, para aquele com quem se fala e, sobretudo, para aquele que fala.

Pode haver um crente que em si não veja nenhum dos maus traços indicados, que habitualmente consiga vencer as suas más inclinações, que esteja cumprindo todos os deveres conhecidos, e que, apesar disso, não se sinta bem espiritualmente. É que talvez adore ainda o ídolo mais difícil de derrubar — o próprio *egoísmo*. Nenhuma pessoa egoísta consegue ser feliz. Quando nos preocupamos apenas conosco mesmos não nos podemos sentir bem. A lei do reino de Deus é o amor. Sem amor a alma estiola. Um dos conceitos básicos do cristianismo é o serviço. Somos salvos para servir. E, servindo, encontramos a fonte mais abundante da verdadeira felicidade. Aquele que procura espalhar algum bem ao seu redor — com o seu sorriso, as suas palavras, as suas atitudes, no lar, na igreja, no trabalho, fazendo algo de bem sob os pontos de vista físico, moral ou espiritual — descobriu um filão que jamais se esgota.

Não nos sentimos felizes? Pensemos menos em nós mesmos. Experimentemos cada dia fazer algo em favor dos outros. Descoberto o princípio essencial do reino de Deus, teremos nesta vida encontrado o segredo da própria bem-aventurança eterna.

NOSSA DESUMANIDADE

por
LUÍS WALDVOGEL

«A desumanidade do homem para com o homem, eis o nosso maior pecado» — são palavras candentes que nos dirige o Espírito de Profecia, em *Ciência do Bom Viver*, pág. 138 da edição completa. Isto lembramos intuitivamente a consagrada frase do poeta latino Plauto: *Homo homini lupus*, isto é, «o homem é um lobo para o homem». E prossegue a serva do Senhor: «Muitos pensam que estão representando a justiça de Deus, ao passo que deixam inteiramente de lhe representar a ternura e o grande

amor. Muitas vezes aqueles a quem eles abordam com severidade e desabrimento, acham-se sob o jugo da tentação. Satanás está lutando com essas almas, e palavras ásperas, destituídas de simpatia, desanimam-nas, fazendo-as cair presa do poder do tentador.»

É verdade que o servo de Deus tem de chamar o pecado pelo seu próprio nome. Não deve diminuir as proporções de um mal praticado por A ou B, e em se tratando de disciplinar um membro ou exortar um

pecador, terá de fazê-lo com o rigor necessário.

Mas há dois perigos em que com muita facilidade incide a natureza humana: o rigor excessivo e contraproducente, e a parcialidade.

Quando o crente se sente estabilizado na fé, sólidamente alicerçado nas bases doutrinárias, quão fácil é possuir-se de um sentimento de justiça própria e usar de muita severidade com o semelhante!

É necessário o senso de justiça. Mas ele tem de alcançar por igual os nossos familiares ou tutelados, e a nós mesmos também. Com efeito, a justiça temos de exercê-la até mais rigorosa com a nossa própria pessoa, do que com outrem.

Bem analisado esse princípio, veremos fundar-se nele boa parte da filosofia da vida, da «ciência do bom viver». Temos que vencer essa tendência inata de querer exigir mais dos outros que de nós mesmos.

O exigir mais de nós mesmos do que dos que nos cercam, não deve atingir tão somente as relações entre superiores e inferiores, chefes e subordinados. Deve penetrar a intimidade dos nossos juízos pessoais, os conceitos que fazemos de um irmão ou estranho, mesmo quando não lhes

demos expressão. É, enfim, a fórmula consagrada pelo apóstolo, quando manda considerarmos os outros superiores a nós mesmos, e preferir-nos uns aos outros em honra. A meditação destas verdades salutaras, leva-nos a recolher-nos nos limites da humildade cristã, e a reconhecermos a nossa necessidade constante de Alguém em quem nos possamos apoiar, uma Coluna divina à qual ergamos os ramos rastejantes da nossa natureza humana, inclinada ao pecado.

Esta atitude cristã facilitar-nos-á também o exercício de perfeita imparcialidade. Não podemos exigir nem devemos esperar que um professor trate com mais brandura o nosso filho do que os filhos dos outros; não podemos esperar que o nosso chefe se esfalte mais do que nós, ou que o nosso subordinado gema sob o peso de uma carga que nem com o dedo queremos tocar para ajudá-lo; proíbe-nos a imparcialidade favorecer o nosso maior amigo, em detrimento de pessoa que o não seja, ou até nos queira mal, assim como nos veda dar razão ao rico por ser rico, ou ao pobre por ser pobre.

A desumanidade para com o próximo — ai, fujamos, com o auxílio de Deus, desse «nosso maior pecado»!

Joana a louca e a reforma

Lembram-se de Joana a Louca?

Filha dos Reis Católicos (Fernando e Isabel), nasceu em Toledo em 6 de Novembro de 1479. Mortos os seus dois irmãos mais velhos, entre os quais Isabel, que se casara com o nosso rei D. Manuel, seria ela a herdeira dos reinos de seus pais. As duas irmãs mais novas vieram a casar-se, uma, D. Maria, também com D. Manuel de Portugal, e a outra, D. Catarina, com Henrique VIII de Inglaterra.

Os filhos de Fernando e Isabel tiveram os melhores tutores que a Europa de então podia fornecer. Receberam pois uma boa educação literária, musical e artística, e as princesas aprenderam além disso trabalhos de costura. Bordar toalhas de altares e paramentos eclesiásticos era a moda entre as senhoras nobres desse tempo.

No Outono de 1497, com 17 anos, Joana casou-se com Filipe de Borgonha, com ele passando a partilhar o trono dos Países Baixos.

Apesar de ele não a estimar, Joana sentiu-se feliz em sair de Espanha, onde a desgostavam as torturas infligidas pela Inquisição aos hereges. Ao chegar à Holanda, rodeou-se de padres de vistas liberais. Mostrou particular simpatia pelos perseguidos, pelos Valdenses, pelos Lolar-dos e por outros grupos reformados, e teve oportunidade de aprender mais acerca das suas crenças.

Perturbada com os rumores que a esse respeito ouvia, Isabel enviou junto dela o P. Tomás de Matienzo, a fim de averiguar os factos. Quando o mensageiro viu Joana, em Agosto de 1498, ela recusou confes-

sar-se e aceitar quaisquer outros padres além daqueles de quem se rodeara.

Fernando e Isabel, depois de verem as suas tendências heréticas, fizeram o possível para evitar que ela lhes sucedesse. Comenta a esse propósito o historiador Merle d'Aubigné: «Permitiria Isabel que uma herética subisse ao trono de Castela? Exporia a Inquisição, instituição que lhe era tão querida, ao risco de ser suprimida pela princesa que lhe devia suceder? Nunca. O rei Fernando concordou com Isabel nesta ideia. Logo em 1502 Isabel tinha formulado os seus planos de privar a herética Joana do trono que lhe pertencia depois da sua morte... Assim devia Joana ser posta de lado quanto à sucessão ao trono que lhe pertencia, por causa da sua oposição à Inquisição e às outras práticas romanas. O pretexto era que ela estava doida. Os sacerdotes pensavam, com efeito, que ela estava doida, porque doutra sorte como podia ela rejeitar as doutrinas romanas?» (*História da Reforma na Europa no Tempo de Calvino*, vol. 8, págs. 130, 131, da trad. inglesa).

Joguete nas mãos dos políticos, depois da morte de sua mãe foi confinada ao mais completo isolamento por seu próprio marido, que a acusava de loucura manifestada por acessos de ciúme. Por essa altura escreveu Joana ao seu embaixador em Castela: «Não lhe escrevi antes, porque sabe com quanta reluctância escrevo; mas como pensam aí (em Espanha) que eu tenho falta de intelecto, é razoável que eu me defenda de alguma maneira, embora não me deva admirar de que falsos testemunhos sejam apresentados contra mim, visto que também foram apresentados contra nosso Senhor.»

Joana teve cinco filhos: Leonor, que veio a ser esposa de Francisco I, da França; Carlos V, perante quem mais tarde Lutero compareceria em Worms; Isabel, que casou com Cristiano II, da Dinamarca; Fernando, que se tornou célebre na história do protestantismo; e Maria, que veio a ser a protestante rainha da Hungria e governadora da Holanda.

Após a morte do marido, em 1506, parece ter sofrido um forte abalo nervoso. No entanto, Merle d'Aubigné, que cita Bergenrath, Sandoval e outros como suas fontes, mantém que os rumores de que a morte de Filipe desequilibrara a sua mente, a ponto de constantemente querer o corpo de seu marido junto dela, não passam de puras invenções.

Em 1509, Fernando persuadiu-a a ir para Tordesillas, onde seria posto um palácio à sua disposição. Na realidade, ali permaneceu presa durante quarenta e sete anos, confinada a um pequeno quarto sem janelas, iluminado apenas por uma vela. Enquanto ali esteve recusou-se a assistir à missa. O marquês de Denia, a cujo cargo ficou confiada, escrevia a seu respeito a Carlos V, em 23 de Janeiro de 1522: «Na verdade, se V. Majestade applicasse a tortura, prestaria um serviço a Deus e a Sua Alteza».



Joana, mãe de Carlos V, a princesa espanhola que perdeu o seu trono por ter aderido às doutrinas da Reforma

Apesar das ameaças e da aplicação de torturas, a tal ponto que, fora, se podiam ouvir os seus gritos, ela manteve a sua determinação de não assistir aos ritos católicos, incluindo por fim a extrema-unção.

Antes de morrer, em 12 de Abril de 1555, com a idade de 76 anos, deu graças a Deus porque por fim a libertava das suas aflições. As suas últimas palavras foram: «Jesus Cristo, crucificado, seja comigo».

Condensado de um artigo de G. e H. Hagstotz

Há um lugar para esta espécie de recreações

Há meses, um escritor censurou gentilmente na revista *Christian Century* o que ele chamou «negativismo dos cristãos». «Muitos cristãos afundam-se em negativas», disse ele, «ou têm poucas ou ínfimas afirmativas. Esforçam-se por alguma coisa, mas é realmente por pouco ou nada».

Há um lugar para o negativismo. O Cristianismo é uma negação do pecado e dos prazeres mundanos. Mas muitas vezes nós esquecemo-nos de que a nossa fé cristã é uma restauração da maneira ideal de vida e de que os prazeres do pecado são um fraco substituto.

Coisas que não fazemos

Certa vez ouvimos um pregador dizer que os adventistas do sétimo dia são mais conhecidos pelas coisas que não fazem do que pelas que fazem. Há nisso alguma verdade. Não bebemos. Não jogamos. Não fumamos. Não vamos ao cinema. Não jogamos cartas. Não comemos carne de porco. Não praguejamos. Não usamos jóias. Não vamos à igreja no domingo. Não fazemos uma porção de coisas que outros fazem. A nossa fé é uma negação de muitas coisas que os nossos amigos consideram respeitáveis. E permanece o facto de sermos mais conhecidos por muitos deles pelo que não fazemos do que pelo que fazemos, pelo que não somos do que pelo que somos.

Não nos deveríamos nós esforçar por dar alguma coisa boa em lugar de toda a coisa má que abandonamos? Essa muito bem poderia ser a nossa resposta à situação que se cria quando os nossos bem intencionados vizinhos, desejando ser amáveis, nos convidam para a eles nos unirmos numa partida ou numa dança. Então, com repentino recolhimento dirão: «Oh! esqueci-me! O senhor não dança, não é verdade?»

Todos nós temos tido de recusar o chá e o café em reuniões sociais. Mais de uma vez temos dito: «Obrigado, não fumo» e «obrigado pelo obséquio, mas não bebo.» Tudo isso desperta na mente dos nossos amigos a pergunta tão frequentemente feita: «Que faz o senhor?» E isso é um desafio aos adventistas do sétimo dia, pois

a não ser que façamos algo digno de substituir as coisas que os nossos amigos terrenos nos dizem que «nos faltam», podemos criar uma opinião desfavorável a respeito da nossa religião.

Hábitos sociais para adventistas

Desejamos ventilar a questão dos hábitos sociais para adventistas. Teremos todos nós um alvo definido a esse respeito? O homem foi criado para ser uma criatura sociável, e é compatível com os princípios cristãos procurar um lugar em nossa vida para a recreação e contactos sociais agradáveis. Sem essas interrupções úteis da rotina comercial e da rotina do lar, a vida pode estampar-nos na face as marcas do trabalho enfadonho e cansativo. E isso é justamente o que o diabo quer, pois não há testemunho mais eficiente contra a verdade do que cristãos carrancudos.

Ganhar almas com a recreação

Há uma espécie de recreação que desejamos recomendar. Para conseguirdes franca alegria e oportuna mudança do programa diário do escritório, da quinta, do lar procurai visitar os vossos vizinhos e simplesmente ser sociáveis. Levai convosco uma torta fresca, que acabais de tirar do forno, talvez um livro de histórias bíblicas para as suas crianças, e, acima de tudo, um alegre e amplo sorriso. Não permitais que o facto de serem luteranos ou católicos vos impeça de ir. Lembrai-vos de que são justamente pessoas como vós. Orai antecipadamente para que se vos depare uma oportunidade de levar o assunto para o lado religioso (talvez não na primeira visita, mas conforme a Providência abrir o caminho). Estai alerta, e notai o brilho e ardor dos vossos sentimentos ao cooperardes com os anjos dos céus, ao procurardes salvar as almas preciosas. Não somente vos esqueceréis de vós mesmos e grangeareis amigos, mas ganhareis reputação por assumirdes posição na comunidade. Tornar-vos-eis conhecidos como bons vizinhos e bons amigos.

Raras vezes temos considerado ganhar

almas como recreação, mas se ainda não experimentastes tal coisa, começai-o imediatamente. Temos as seguintes palavras inspiradas para nos guiar: «Quando a mente está livre e satisfeita por um sentimento de dever cumprido e o prazer de proporcionar felicidade a outros, a animadora e nobilitante influência traz vida nova a todo o ser.» — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 221.

É verdade que há muitas coisas que não fazemos. E assim é que deve ser. Não abaixemos a nossa norma nem tenhamos dizer *Não* ao pecado. Mas não deveremos nós ser mais conhecidos pelas coisas boas que fazemos do que pelas coisas más que não fazemos?

Outros aspectos da recreação

Bem curto é o tempo que nos separa da vinda de nosso Senhor, mas isso não quer dizer que não haja lugar para as actividades sociais ou recreativas. Há muitas facetas da vida recreativa além de «fazer o bem». Mas recomendamos a sociabilidade entre os vizinhos ou na comunidade como uma das melhores. O seguinte conselho do Espírito de profecia é o melhor que já lemos sobre todos os outros aspectos da recreação:

«Mas não julgueis, por um momento sequer, que a religião vos tornará tristes e sombrios, e vos vedará o caminho para o êxito. A religião de Cristo não apaga nem mesmo enfraquece uma única facul-

dade. De maneira alguma vos incapacita para o gozo de qualquer verdadeira felicidade; não se destina a diminuir o vosso interesse pela vida, ou a tornar-vos indiferentes aos reclamos de amigos e da sociedade. Não reveste a vida de saco; não se expressa em profundos suspiros e gemidos. Não, não; os que em todas as coisas consideram a Deus o primeiro, o último e o melhor, são as pessoas mais felizes do mundo. Os sorrisos e o brilho do Sol não lhes desaparecem do semblante. A religião não torna quem a pratica grosseiro nem áspero, desasseado ou descortês; pelo contrário, eleva-o e enobrece-o, refina-lhe o gosto, santifica-lhe o juízo, e habilita-o para a sociedade dos anjos celestiais e para o lar que Jesus foi preparar.

«Nunca percamos de vista que Jesus é a fonte de alegria. Ele não se deleita no infortúnio dos seres humanos, mas apraz-lhe vê-los ditosos. Os cristãos têm ao seu dispor muitas fontes de felicidade, e podem dizer com infalível certeza quais são os prazeres lícitos e correctos. Podem gozar de recreações que não dissipem a mente ou aviltem a alma, não iludam nem deixem após si triste influência que destrua o respeito próprio ou impeça o caminho da utilidade. Caso possam levar consigo a Jesus e manter-se em espírito de oração, estão perfeitamente salvaguardados.» — *Mensagens aos Jovens*, pág. 35.

D. A. Delafield

COMER ENTRE AS REFEIÇÕES

pelo DR. MERVYN HARDINGE

Porque se come entre as refeições? As duas razões mais comuns são o hábito e a tensão nervosa.

O hábito de comer entre as refeições é facilmente contraído, porque o comer é geralmente uma experiência agradável e dá oportunidade para fazer algo de que se gosta. Para muitos, porém, o comer liberta da pressão, da tensão, ou de responsabilidades desagradáveis como sucede com milhões de outros quando bebem ou fumam. A desculpa comum de que estas condescendências nas comidas são necessárias para combater a fome, a fraqueza, a lassidão não é apoiada por estudos cien-

tíficos. O sentimento imediato de renovado vigor e energia, que geralmente dura apenas um breve espaço de tempo depois de se ter petiscado, deve ser creditado em geral ao prazer e diversão experimentados quando se come.

Que o repouso deve seguir toda a actividade fisiológica é uma lei fundamental do nosso ser. Obtém-se maior eficiência física seguindo um programa regular quanto ao levantar, deitar, trabalhar, repousar e comer.

A importância dada pelo organismo aos seus períodos de repouso é ilustrada pela regularidade das pulsações — sendo se-

guida cada pulsação por um breve intervalo de repouso durante o qual o músculo recupera energia para a contracção seguinte. Assim, em cada vinte e quatro horas o coração repousa umas dezasseis horas entre as pulsações. Supor que o aparelho digestivo possa permanecer muito tempo em boas condições estando continuamente sobrecarregado com uma massa de comida por digerir, que o priva dos seus períodos de repouso, constitui um erro gravíssimo.

O processo da digestão envolve não só o estômago mas todo o canal alimentar com os seus vários órgãos e glândulas que produzem as secreções necessárias para a digestão do alimento. Cada parte deste delicado maquinismo requer períodos de repouso a fim de preparar os seus produtos para a refeição seguinte. Por exemplo, entre períodos de ingestão de alimentos a vesícula biliar, órgão muscular oco, colige e concentra as secreções contínuas de bilis formadas pelo fígado. Então, quando a comida entra no intestino delgado, a glândula biliar contraí-se e derrama uma quantidade da sua bilis concentrada para se misturar com a comida.

Semelhantemente, as glândulas salivares, cujas recreções iniciam a digestão da comida na boca, requerem períodos de repouso para prepararem as suas enzimas digestivas. O microscópio mostra que células de glândulas salivares em repouso estão cheias de minúsculas gotinhas conhecidas pelo nome de grânulos zimógenos, as enzimas da saliva. Pelo fim de uma refeição estas mesmas células estão vazias dos seus grânulos, e a saliva então produzida é muito mais aquosa e o seu poder digestivo é mais fraco. Com o constante debicar, ou o constante mastigar de pastilhas elásticas, as glândulas salivares tornam-se incapazes de refazer o seu fornecimento, e assim é prejudicado o primeiro passo importante na digestão. O mesmo se passa com as outras secreções digestivas.

Quando as refeições são tomadas com intervalos regulares o fornecimento de suco gástrico é grandemente aumentado. Assim, na altura da refeição, quer se coma ou não, o suco gástrico começa a fluir; mas com o comer irregularmente o estômago tem pouca oportunidade para preparar secreções normais. Períodos de repouso no aparelho digestivo são essenciais também para a manutenção de uma tonalidade normal dos seus órgãos musculares. Quando a comida entra no estômago as

suas paredes musculares distendem-se para receberem a refeição. Terminado este ajustamento, prossegue o trabalho de preparar a comida para passar aos intestinos.

Ao esvaziar-se o estômago, o seu tamanho diminui gradualmente enquanto a tonalidade das suas paredes aumenta até ao elevado nível do órgão em repouso. Mas se o estômago tem de trabalhar continuamente, o seu moral desmoraliza-se e a sua tonalidade diminui. Sempre que o estômago trabalhe desperta para a actividade todo o canal digestivo. Assim a irregularidade no comer prejudica o trabalho de todo o sistema digestivo, e pode daí resultar a dispepsia com várias manifestações de desconforto, gás, azia, mau hálito, náuseas, perturbações de apetite ou úlceras.

Comer entre as refeições não só perturba a eficiência da digestão, mas interfere também com a selecção da comida conveniente.

A criança ou adulto que petisca vem para a mesa com um apetite estragado, incapaz de saborear comida saudável. Uma estatística levada a efeito pela Marinha de Guerra norte-americana revelou que os seus homens comem cerca de um sexto da sua alimentação diária fora das refeições regulares. Como essas comidas são geralmente do tipo de sobremesa — doces ou gelados — de elevado valor em calorias mas fracas noutros elementos nutritivos, é diminuída a qualidade da comida que diariamente é ingerida. Em muitos hospitais foi suprimida para os doentes a comida entre as refeições por se ter provado que essa prática impede a boa nutrição. O comer irregularmente pode também levar ao excesso de peso, porque as calorias adicionais assim petiscadas constituem uma carga sobreposta às refeições regulares.

Ainda outro erro consiste em se comer algo antes de ir para a cama. Uma pessoa pode pensar que isso a ajuda a dormir melhor, mas os estudos feitos sobre o assunto mostram que provoca desasossego, com muitas voltas e sonhos, etc., especialmente se são ingeridos alimentos de difícil digestão.

Para que possamos poupar sofrimento devido a ignorância, o Senhor deu a este povo instruções sobre todos os aspectos do viver saudável. Não é um dos menos importantes princípios apresentados o da regularidade no comer. O assunto é larga-

Entrevista da "Associated Press"

com R. R. Figuhr, Presidente da Conferência Geral

Há pouco, a «Associated Press» teve uma entrevista com o Pastor R. R. Figuhr, presidente da Conferência Geral, da qual resultou o seguinte comunicado que foi transmitido de uma extremidade à outra dos Estados Unidos:

NOVA IORQUE (AP): Um grupo de cristãos outrora ridicularizado — os Adventistas do Sétimo Dia — poderia hoje declarar com justa razão: «Bem o tínhamos dito!»

Sob muitos aspectos, tornaram-se o modelo por excelência — e objecto de inveja — de outras igrejas mais importantes.

«Os adventistas deram o primeiro passo em certos domínios», declarou o doutor Robert Handy, professor de História Eclesiástica no Seminário Teológico da União. «Foram eles os primeiros a adoptar ideias que outros só há muito pouco chegaram a apreciar em seu justo valor.»

Embora a próxima vinda de Cristo à terra, crença central do adventismo, não tenha ainda sido confirmada pela evidência, outras concepções particulares a este movimento produziram frutos e propagaram-se largamente.

A denominação adventista prossegue há anos uma obra médica intensiva, estabelecendo uma íntima relação entre as doenças mentais (espirituais) e físicas. É este um domínio de assistência psicológica em que muitas outras igrejas não penetraram senão recentemente.

No que diz respeito à média individual dos dons feitos à Igreja pelo conjunto dos cristãos americanos, os Adventistas do Sétimo Dia aparecem à cabeça da lista — resultado considerado como um objectivo digno de esforços.

A média elevada de assistência aos serviços religiosos entre os adventistas constituiu também uma emulação para as outras igrejas. Além disso, esta denominação tornou-se predominante em matéria de erudição e de educação.

«A nossa obra está inteiramente baseada na Sagrada Escritura. É nisso que se resume a nossa posição», declarou o pastor

Reuben Figuhr, presidente da denominação.

As realizações a que chegou o movimento adventista estão ligadas a certos paradoxos notáveis:

Ainda que os fiéis rejeitem usar armas, a própria denominação financia a formação de homens para o serviço sanitário do exército. Ela obteve felicitações do Governo por ter preparado assim — e sem despesas para os contribuintes — doze mil soldados durante a última guerra.

Apesar de uma disciplina relativamente autoritária (os membros devem pagar o dízimo, assistir regularmente ao culto e submeter-se a diversas obrigações sociais), o modo de governo adventista é essencialmente democrático até nos seus menores detalhes.

Ao lado de certas características antigas (os fiéis devem abster-se de tabaco e de álcool; não devem dançar, nem frequentar teatros, nem jogar cartas), o adventismo tem aspectos altamente progressistas, como o provam, por exemplo, as suas incursões de precursores no domínio da psico-somática.

Ainda que os adventistas se tenham considerado sempre como uma denominação minoritária e jamais tenham procurado tornar-se «importantes», o seu movimento classifica-se entre os que se desenvolveram mais rapidamente: o número dos membros dobrou em 10 anos.

O ano passado, o pastor Figuhr, de Washington, D. C., homem de 58 anos, culto e franco, criado no estado de Wisconsin e durante dezoito anos missionário no Extremo Oriente, foi nomeado chefe da denominação.

Evocando a corrente de doutrinas que, em cem anos, fez do movimento adventista o que ele é actualmente, a partir de um pequeno grupo de crentes ridicularizados, o pastor Figuhr declarou: «Estamos persuadidos de que os nossos membros devem viver de acordo com os princípios que professam.» E para reforçar este ponto de vista, acrescentou que «uma preparação cuidadosa» precede a aceitação

de um novo membro da Igreja: ela pode ir de um mês a um ano de instrução.

— Que sucede aos membros que não se conformam com os estatutos da denominação?

«Em geral, retiram-se», responde o pastor.

Tais exigências, reconhecidas como mais severas do que aquelas a que são submetidos os protestantes em geral, contribuem para o «record» de liberalidade dos membros no que respeita os dons da igreja (média anual: 182 dólares por pessoa), a sua assistência assídua aos serviços religiosos e a sua adesão estreita a um código moral e social específico.

O pastor Figuhr declarou que a educação desempenhava um grande papel na obtenção de tais resultados.

A denominação, que conta cerca de um milhão de membros adultos (mais de um quarto dos quais nos Estados Unidos), tem as suas escolas próprias. Ela dirige 4.568 estabelecimentos primários, 303 colégios e escolas secundárias, 42 casas publicadoras.

«Um membro de igreja bem informado é um membro mais firme», disse ainda o pastor Figuhr. E acrescentou:

«Não nos estabelecemos em parte alguma, quer seja na metrópole ou nos países de missão, sem insistir nas actividades educativas. E isto não só no domínio das Escrituras, mas também, nas suas grandes linhas, no da ciência, da literatura, da arte, da história. Todas as grandes verdades têm o seu lugar na nossa concepção do conhecimento escriturístico.»

O «corpo é o templo do Espírito Santo»,

disse S. Paulo, e cuidar dele é obedecer ao mandamento de Deus. De acordo com esta declaração, tem feito igualmente obra de pioneira no domínio da saúde, da psiquiatria e da beneficência.

Ela dirige 212 hospitais e centro médicos, e a sua escola de medicina de Los Angeles forma cada ano 75 doutores em medicina.

Mas é a insistência com que eles sublinham a proximidade da vinda de Cristo que dá aos adventistas o seu cunho particular.

Os sinais proféticos que anunciam esse acontecimento — «homens desmaiando de terror na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo» — jamais foram tão evidentes como na hora actual, diz o pastor Figuhr. E acrescenta:

«Jamais se observou um temor tão universal, tão idêntico, em todos os povos. O coração humano conheceu sempre o medo, mas o da destruição que, em nossa época, se manifesta por toda a parte no mundo e se baseia numa razão comum, é um exemplo sem precedentes.»

— Dentro de quanto tempo pensa que Cristo voltará — será dentro de cinquenta anos?

«Não encaramos a eventualidade de uma demora tão longa», responde o pastor Figuhr.

— Será dentro de cem anos?

«Provavelmente mais cedo. Mas quer esse acontecimento tenha lugar dentro de um ano ou dentro de um século, isso não deve diminuir em nada os nossos esforços para vivermos como cristãos.»

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO

RELATÓRIO DE VENDAS REFERENTE A MARÇO DE 1955

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
Clemente Sales	116	6.860\$00	1.370\$00	8.230\$00
António Gomes Duarte	197	4.480\$00	3.385\$00	7.865\$00
João António	160	2.655\$00	515\$00	3.170\$00
Adelino N. Diogo	164	2.460\$00	470\$00	2.930\$00
Maria L. Saboga	150		2.685\$00	2.685\$00
Vítor Tavares	74	2.545\$00		2.545\$00
Isaias da Silva	111	2.135\$00	200\$00	2.335\$00
Júlia Costa	59		1.465\$00	1.465\$00
Flora Saramago	144		1.390\$00	1.390\$00
Idalina Ferreira	49		1.190\$00	1.190\$00
Maria C. Resende	301		980\$00	980\$00
Mariana Casimiro	169		915\$00	915\$00
Júlia Sanches	151	265\$00	505\$00	770\$00
Afonso António	143	580\$00		580\$00
Diversos			437\$50	437\$50
	1.988	21.980\$00	15.507\$50	37.487\$50

Fernando Mendes

Podem as crianças prestar auxílio em casa?

por M. C. BRADLEY

Menciona-se algumas vezes a «abundância de ociosidade» existente outrora em Sodoma. Creio que os anjos estão observando a mesma coisa na Terra hoje, justamente antes da sua destruição final. Os adultos encurtam quanto podem as suas horas de trabalho. Penso que não exageramos ao afirmar que a média das crianças não faz trabalho algum, a não ser alguma coisa para seu próprio deleite. Ela vai à escola, talvez, tanto tempo quanto as leis o exijam, e estuda o mínimo que pode. Quando volta ao lar os livros são atirados para cima da mesa ou cadeira mais próxima, e sai para brincar.

Que havemos de fazer neste caso?

Vejamos primeiro qual é o nosso dever, e poderemos então melhor considerar a maneira de resolver o problema.

«É desígnio de Deus que todos sejam trabalhadores. Os mourejadores animais de carga correspondem ao fim para que foram criados, melhor do que o homem indolente. Deus é um trabalhador constante. Os anjos são trabalhadores; são ministros de Deus para com os filhos dos homens. Os que aguardam um céu de inactividade ficarão decepcionados; pois a ordem celeste não prevê lugar algum para satisfação da indolência.» — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 251.

«Não insinueis a vossos filhos que não tem importância se eles trabalham ou não. Ensinai-lhes que o seu auxílio é necessário, que seu tempo é precioso e que depen-

deis do seu trabalho.» — *Test.*, vol. I, pág. 395.

«Uma das mais seguras salvaguardas da juventude é a ocupação útil. As crianças que são adestradas nos hábitos de trabalho, de maneira que todas as suas horas sejam útil e agradavelmente empregadas, não têm inclinação para queixar-se de sua sorte, nem tempo para ociosas ilusões. Correm pouco perigo de adquirirem hábitos ou camaradagem ociosos.

«Na escola do lar as crianças devem ser ensinadas a cumprir os deveres práticos da vida diária. Enquanto ainda são pequenas, deve a mãe dar-lhes alguma tarefa simples para fazer cada dia. Levará mais tempo para ela os ensinar do que fazê-la ela própria; mas lembre-se de que deve, para a formação do carácter deles, lançar o fundamento da prestividade. Lembre-se de que o lar é a escola em que ela é a mestra principal. Cabe-lhe ensinar os filhos a cumprir os deveres da casa, pronta e hábilmente. Tão cedo quanto possível, na vida deles, devem ser ensinados a participar dos encargos do lar. Desde a infância, ensine-se os meninos e meninas a arrostar cada vez mais pesados encargos, auxiliando inteligentemente na obra da sociedade familiar.» — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 108.

Auxílio ou embaraço?

Se os pais se esquecerem de tudo quanto vai neste artigo, espero que se lembrem desta sentença contida na página 110 do mesmo livro: «Nunca vos ouçam eles (os filhos) dizer: 'Mais me estorvam do que me ajudam'. O ouvir tais palavras leva-os às vezes a aborrecerem-se de realizar tarefas caseiras.»

Ninguém gosta de fazer o que sabe não estar sendo apreciado. As crianças têm sentimentos semelhantes aos dos adultos. Gostam de ajudar se sabem que estão *ajudando*. Se os pais fazem tais afirmações, a falta é deles e não dos filhos. Ou as crianças foram ensinadas precariamente, ou as tarefas que se lhes deram foram mal escolhidas. As crianças ajudam. As minhas não brilham mais do que as outras, e as mais delas não nasceram com qualquer ex-

COMER ENTRE AS REFEIÇÕES

(Conclusão da pág. 8)

mente tratado, mas a nota dominante pode ser resumida nas seguintes breves palavras:

«A regularidade nas refeições deve ser fielmente observada. Coisa alguma se deve comer entre elas, nada de doces, nozes, frutas, ou qualquer espécie de comida. A irregularidade na alimentação arruína a saúde dos órgãos digestivos, com detrimento da saúde em geral, e da alegria.» — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 335.

cedente de ambição; não obstante causam admiração aos amigos e vizinhos com as responsabilidades que desempenham. Um amigo que nos visitou pela primeira vez, exclamou: «Estou admirado! Essas crianças trabalhando dessa maneira e felizes com o trabalho! As crianças que conheço simplesmente nada desejam fazer.»

Com os meus pesados encargos de professora, tenho pouco tempo para cuidados do lar. Quer eu tenha de estar todo o tempo na escola ou não, a refeição está preparada, e prontas as tarefas designadas. Cada um conhece a sua própria responsabilidade e sabe que se espera que sua parte seja feita. As tarefas são designadas somente de acordo com as idades e habilidades. As meninas podem lavar os pratos, limpar os móveis ou mesmo esfregar o soalho. Os meninos cortam lenha, transportam carvão e limpam o jardim. Às vezes sucede haver tarefas que necessitam ser feitas pelo grupo em equipa.

Se tivéssemos cinco ou seis casais como os tiveram alguns dos nossos avós, seria possivelmente mais prático confiná-los ao tipo de trabalho natural a cada sexo; mas com apenas duas ou três crianças isto não é conveniente nem necessário. No Verão todos trabalhamos ao ar livre boa parte do tempo. Num pequeno apartamento de Inverno, o pouco trabalho que há é partilhado por todos.

Ensinar a obediência

Ouçõ não raro esta frase: «Meus filhos não querem de maneira alguma fazer trabalhos em casa». Os meus *gostam* de fazê-los. Eu espero isso deles, sabem que necessito do seu auxílio e foram ensinados a obedecer. Uma das coisas mais importantes para conseguir que as crianças trabalhem voluntariamente é esperar que elas o façam. Bem ou mal, a maioria das pessoas faz o que delas se esperam, não meramente porque o têm de fazer, mas para defenderem a própria reputação.

Uma vez Isabel perguntou:

— Mamã, se não tivesse nenhum filho, como daria conta de todo o trabalho?

— Se eu não tivesse nenhum filho, respondi, não haveria tanto trabalho.

Isto pareceu sugerir-lhe um novo pensamento. Ela começou a sentir que a maior parte do trabalho era consequência de ser preciso suprir as necessidades dos próprios

filhos. Isto é sempre um bom pensamento para as crianças que se admiram de ter que ajudar com o seu trabalho.

As crianças, mais que os adultos mesmo, não gostam de trabalhar sòzinhas. Notem que as inspiradas instruções já citadas dizem que é a mãe quem tem de ensiná-las. Elas aprendem enquanto trabalham com ela. É em geral a mãe que tem tempo e oportunidade de ensiná-las. As crianças não podem aprender como fazer, apenas por olhar. Elas precisam ver o trabalho feito e então fazê-lo elas mesmas. Necessitam ser guiadas aqui e ali até que compreendam completamente como é feito. A partir daí são elas um genuíno auxílio. É bem gasto o tempo usado para ensinar as crianças.

O trabalho que interessa às crianças

«Deve-se dar às crianças trabalho que não somente as mantenha ocupadas, mas que lhes retenha o interesse.» *Fundamentals of Christian Education*, pág. 417. Se a tarefa em si não é interessante, devemos cercá-la de atractivos. No nosso lar, alguma coisa que possa ser feita na área da frente, ou sob as árvores do bosque, é aí feito. Tarefas que podem ser executadas tão bem fora como dentro de casa tornam-se muito mais agradáveis se feitas fora, onde cantam os pássaros e as flores desabrocham. Podemos ver uma mãe-pássaro que leva alimento para seus filhinhos, ou uma dália que desabrocha. Sim, é muito mais interessante trabalhar em plena natureza.

E quem deveria ajudar? Todos, sem dúvida. Bebê tem apenas três anos. Que pode ele fazer? Pode ajudar a tirar as cascas dos frutos. É claro que logo ele decidir-se-á montar o seu velocípede. Ele tem a sua própria panelinha com a qual trabalha e há-de querer cozinhar nela o seu produto inacabado. Está aprendendo a disfrutar o trabalho em família e a sua divertida tagarelice mantém todos bem alegres. Quando ele tem de lavar as verduras então o caso é mais sério, e se isso tem de ir também para a panela, é preciso cuidar que nenhum ser vivo lhe haja escapado aos olhos. Se a criança é sempre afugentada, em vez de se lhe permitir ajudar no curto período de tempo em que o seu interesse pode ser mantido em alguma coisa, ela não ajudará quando for mais crescida.

Como o Senhor me tem concedido

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ o Sábado ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Prezado Ir. E. Ferreira:

Conforme me pediu, passo a esclarecer algumas fases da minha experiência na Empresa Electro-Cerâmica.

Em 1919 conheci a palavra de Deus através de dois irmãos. Um ano depois, em 1920, pedi ao encarregado da oficina onde eu trabalhava para interceder junto do sr. Engenheiro para que me dispensasse no dia de Sábado. Tendo sido rejeitado esse pedido, andei um ano a ver se conseguia trabalho com dispensa no dia de Sábado.

Quando arranjei trabalho, fui pessoalmente ao gabinete do sr. Engenheiro despedir-me da casa. O sr. Engenheiro perguntou-me qual o motivo por que me ia embora e se era para ganhar mais dinheiro. Eu respondi que não, que não era para ganhar mais dinheiro, e continuei: «O sr. Engenheiro deve estar lembrado de que, há cerca de um ano, mandei pedir pelo encarregado se me dispensava aos Sábados, em virtude de pretender seguir uma religião que professava a guarda do Sábado, e o sr. Engenheiro mandou-me dizer que não me podia dispensar. Agora arranjei trabalho com o Sábado livre e por isso vou-me embora.» E ele perguntou-me: «Mas é só isso que o leva a despedir-se da casa?» «Pois é», respondi-lhe. Disse-me então: «Espere um momento, enquanto vou falar com o Director, a ver o que ele resolve.» Voltou passado um pouco, dizendo-me: «Daqui para o futuro tem os Sábados livres».

Mais tarde esse Director foi-se embora e o outro que o substituiu dispensou também o Sábado à nossa Ir. Ana Trindade.

Cerca de 1930, entrou novo Director, o qual, mal assumiu a direcção, mandou chamar o Engenheiro da oficina, que também já não era o mesmo que pediu por mim, e disse-lhe para me comunicar que me dava quinze dias para eu resolver ou trabalhar no Sábado ou ir-me embora. À Irmã Ana Trindade dava oito dias para ela resolver o mesmo assunto. Eu fui ter com ele, dizendo-lhe que já trabalhava havia onze anos com a dispensa do Sábado e que tinha cinco filhos para sustentar. Ele disse-me que não queria mais ninguém

dentro da Empresa que não trabalhasse ao Sábado. E eu disse-lhe que então me ia embora, porque mais valia obedecer a Deus do que aos homens.

Depois de algumas semanas desempregado, consegui colocação na Companhia Carris do Porto, onde trabalhei cerca de um ano.

Três meses depois da minha saída da Empresa, saíu também o Director que me despedira. Entrou novo Director. Entretanto faltou-me o trabalho na Companhia Carris do Porto. Quando o novo Director da Empresa Electro-Cerâmica o soube, mandou-me ir falar com ele. Eu fui e ele disse-me: «Dou-lhe outra vez trabalho cá na casa, mas se houver uma avaria em qualquer máquina em dia de Sábado, tem que vir trabalhar.» Quando lhe respondi que não podia aceitar trabalho nessas condições, retorquiu-me: «Então se virem a Empresa ir por água abaixo deixam-na ir?» «Não, senhor Director», respondi, «mas deixamos passar o Sábado, e no Domingo vamos e deitamos-lhe a mão». Ele empregou uma palavra obscena, agarrou-me pelo braço, empurrou-me e mandou-me ir trabalhar.

Passados alguns anos este Director saíu, veio outro e não modificou o que me tinha sido autorizado. Mas uma bela ocasião eu estava com um trabalho muito urgente numa Sexta-feira, e ele queria que eu fizesse serão para acabar o serviço. Disse-lhe que só ficava até às oito horas. (Era Verão, e o Sol punha-se às oito e trinta). Assim o fiz. Quando chegaram as oito horas fui-me embora, e o trabalho ficou por acabar. No Sábado, quando ele chegou, ficou todo zangado e disse ao sr. Engenheiro que quando eu chegasse na Segunda-feira me dissesse que procurasse outro trabalho. E assim fiz.

Passadas três semanas, três camaradas meus foram contratados para ir trabalhar para Espanha, e o Director mandou-me dizer que ficava sem efeito aquilo que me tinha dito.

Até hoje, mais dois Directores lhe sucederam sem que me tenha surgido qualquer outra dificuldade.

Joaquim Teixeira Corte

UM SACERDOTE BUDISTA É BAPTIZADO

Ao viajarmos pela ilha do Ceilão vemos em quase todas as cidades e aldeias, ou ao andarmos pelas estradas que as ligam, os sacerdotes budistas com os seus trajos amarelos, porque o Ceilão é um país budista.

Um desses sacerdotes vivia num templo ao sul da ilha quando um aluno de um colégio budista o visitou. O aluno estava seguindo o Curso Bíblico da Voz da Profecia. O sacerdote, quando ouviu falar do curso decidiu segui-lo também. Ele tinha sido um sacerdote popular naquele templo durante mais de dez anos. Ao chegarem as lições bíblicas estudou-as cuidadosamente.

Em breve entrou em dificuldades com os outros sacerdotes, que não aprovavam o Cristianismo e a Bíblia. Procuraram destruir as suas lições. Várias foram rasgadas ou queimadas, mas ele conseguira estudar a maior parte delas antes de terem sido destruídas.

Um sacerdote budista é adorado pelo povo. Depois de ter seguido o curso bíblico este sacerdote foi visitar seus pais. Disse à sua mãe para não mais se ajoelhar diante dele nem o adorar.

Do escritório da Voz da Profecia aqui em Colombo o nome do sacerdote foi enviado ao nosso pastor encarregado daquela área. A. R. Pieris visitou-o no templo e descobriu como estava interessado pela verdade. Não tardou muito que o sumo sacerdote ouvisse acerca destas visitas e pediu ao nosso irmão que não voltasse ao templo para falar com o sacerdote. Mais tarde outro obreiro escreveu ao sacerdote e combinou um encontro com ele fora do terreno do templo. Foram forçados a mudar de lugar de reunião diversas vezes a fim de se ocultarem ao sumo sacerdote e às autoridades do templo. Durante sete meses encontraram-se secretamente junto do mar para estudar as Escrituras e orar a Deus. Enquanto o sacerdote continuava a estudar a Bíblia e a viver no templo leu a Bíblia singalesa que o nosso obreiro, C. C. Kurunathan, lhe tinha dado. Quando

o sumo sacerdote lhe causava dificuldades ele entregava a Bíblia ao moço obreiro. Quando essas dificuldades abrandavam um pouco voltava a levar a Bíblia, às escondidas, a fim de a poder estudar.

O Irmão Kurunathan apelou ao sacerdote para que deixasse o templo e as suas vestes e tudo o que se relacionava com o budismo para servir o Deus vivo. Em breve decidiu fazer isso e entregou o seu coração ao Senhor. O único fato que o sacerdote possuía era a túnica amarela do sacerdócio. Não tinha maneira de obter qualquer outro vestuário para usar, porque os sacerdotes não têm qualquer salário nem têm autorização para usar dinheiro. Um dos nossos membros de igreja forneceu o dinheiro para o nosso obreiro comprar o fato com que o sacerdote fugiu. Conseguiu ir para casa da sua mãe, onde deixou crescer o cabelo.

Ele queria ser baptizado ainda antes de deixar o templo, mas sugerimos que estudasse um pouco mais a fim de realmente estar preparado e de a sua fé se tornar firme no Senhor. Durante este período ele vinha à igreja regularmente. Achou muito difícil vir aos cultos da igreja. Ao caminhar pela estrada principal era com frequência reconhecido e cercado pela multidão irada contra ele por ter abandonado a sua religião e as vestes sagradas do sacerdócio. Surgiam nas ruas, e houve uma altura em que parecia não poder escapar. O director do departamento missionário da nossa pequena igreja conseguiu aproximar-se num carro através da multidão e libertá-lo.

Em 29 de Dezembro de 1954, foi meu feliz privilégio baptizar o Irmão Somapala juntamente com vários outros alunos da Voz da Profecia num pequeno local protegido à beira-mar, fora da cidade. O Irmão Somapala mudou de nome e abandonou tudo por Jesus. O seu único desejo é preparar-se para um lugar na obra de Deus.

L. F. Hardin

Presidente da União do Ceilão

Através do Mundo Adventista

«Deus usou-o para nos salvar»

— Gostaria que lesse esta carta, disse-me há pouco um estimado colporteur.

— De que trata? perguntei-lhe.

— Logo verá, foi a resposta. E depois de lê-la notei que continha uma bela notícia, que vim a compreender melhor quando ele me relatou as circunstâncias em que o facto ocorrera.

Uma vez esse colporteur havia pedido que o transferissem para certo campo. Em vez de aceder ao seu pedido, o conselho designou-lhe outro lugar de trabalho. Anos mais tarde recebeu essa carta, e ao pedir-me que a lesse acrescentou:

— Ao receber esta carta compreendi por que me haviam mandado a Peyrano, quando eu queria ir colportar noutra parte.

A carta dizia: «Há onze anos, quando morávamos em Peyrano, chegou a nossa casa um colporteur e vendeu-nos o livro «O Raiar de um Novo Dia» (em espanhol), uma Bíblia e uma assinatura anual de *O Atalaia* (espanhol).

«Tanto eu como meus irmãos gostámos muito da revista. Mais tarde fizemos o curso da Escola Rádio-Postal, e agora eu e três dos meus irmãos acabamos de ser baptizados. Escrevo para lhe comunicar que o senhor foi o colporteur que nos vendeu aqueles livros e para lhe agradecer, porque Deus o usou para nos salvar.»

Ao acabar de ler essa boa carta, olhei para o colporteur e vi-o radiante de alegria. Dobrou a carta e guardou-a com carinho, como quem guarda um tesouro. Quanta felicidade experimenta o colporteur em seu bendito trabalho!

A venda de cada livro adventista é um trabalho missionário cheio de promessas de salvação. — *Nicolás Chaij.*

Mais colportores

Muitos estão aceitando o apelo para colportar. Um comandante da aviação civil dos Estados Unidos, que ganhava cerca de quinhentos contos por ano, deixou o seu trabalho e passou a dedicar-se à colportagem, até ser chamado para outro trabalho missionário. Um médico de Cuba, que há muito é estimado adventista, renunciou, no ano passado, à sua profissão e dedicou-se à colportagem. Há poucos meses, um advogado desta grande nação deixou o seu cargo de juiz para se dedicar à colportagem. Um intendente das Filipinas renunciou ao seu posto e está colportando com êxito. — *Nicolás Chaij.*

Quarenta anos esperando

Muitos procuram, ansiosos, o reino de Deus. É-nos dito que mais pessoas do que nós imaginamos estão buscando a paz do Céu. Quando o irmão R. Cáceres estava colportando no sul do Chile, encontrou um homem que aceitara a verdade por meio de um livro adventista. O colporteur perguntou-lhe:

— Há quanto tempo conheceu a mensagem?

— Há quarenta anos que comprei este livro; li-o, e desde então estou esperando que algum adventista me venha baptizar.

Ao aproximar-se a data de o colporteur partir para outro lugar, o homem ficou muito triste, e com lágrimas nos olhos disse: «Desde que comprei o livro, estive quarenta anos esperando por alguém. Agora sinto que o fim está bem próximo, quero ser baptizado e o senhor vai-se embora. Terei de esperar outros quarenta anos até que um adventista me venha baptizar?»

Prezados irmãos, responderemos ao clamor dos que buscam a salvação? Deixaremos as almas esperarem quarenta anos até que haja quem lhes leve a luz divina? — *Nicolás Chaij.*

Coragem em face da morte

O irmão Harada foi executado em 14 de Setembro de 1954. Três anos atrás, antes da sua conversão e baptismo, foi lançado na prisão por haver, num roubo, morto um jovem e dois polícias.

O seu primeiro contacto com a mensagem foi por intermédio da revista *Sinais dos Tempos*, na prisão de Kobe, no Japão. Desde o seu baptismo, a 12 de Abril de 1952, o irmão Harada testemunhou fielmente do seu Salvador, enquanto aguardava a sua execução.

Quando fui à prisão visitá-lo, o meu coração estava muito pesado, sabendo eu ser essa a última vez que veria o irmão Harada neste mundo. Como me senti aliviado ao encontrá-lo animoso, mesmo na hora da morte!

Passámos juntos essas horas derradeiras, cantando, orando e lendo as muitas e preciosas promessas da Bíblia. As suas últimas palavras soam-me sempre ao ouvido, como um repto: «Havemos de encontrar-nos de novo!»

O guarda encarregado do departamento educativo da prisão ficou muito impressionado com a grande transformação na vida do nosso irmão — tanto assim que assistiu espontaneamente ao serviço fúnebre, na igreja de Kobe. Nessa ocasião disse ele que em toda a sua vida nunca vira pessoa mais corajosa em face da morte.

Emissões Religiosas

Todos os Domingos, das 23,15 às 23,45 é a Mensagem Adventista transmitida em português através de Rádio Africa Maghreb, de Tânger, na banda dos 321 m.

Ouçã e recomende aos seus amigos.

Agora, enquanto o irmão Harada dorme, esperando a manhã da ressurreição, oremos para que uma grande messe de almas do Japão seja ceifada para o reino de Deus. — *Paul W. Nelson.*

Como eles nos vêem

Do livro do padre dominicano H. Ch. Chéry, «L'Offensive des Sectes», extraímos os seguintes períodos acerca dos membros da Escola Sabatina a que ele assistiu:

«Entra-se conversando em voz moderada. O silêncio não se estabelece senão a partir do cântico.

«Uma senhora idosa, no banco que está à minha frente, tagarela com as suas vizinhas (tomamos a responsabilidade de que ela fala dos defeitos alheios) simultaneamente com a conversa do monitor, que não a repreendeu nunca.

«O meio não me parece «popular», mas antes constituído por pequenos comerciantes, pequenos burgueses (os homens discutem sobre carros, negócios, etc.)»

Ao ler tais declarações, não podemos perguntar-nos: São elas exactas? Se o são, não seria oportuno humilhar-nos e ver em que medida nos tornamos culpados de irreverência na casa de Deus — e orar ao Senhor para que nos ajude a respeitar a solenidade das reuniões da Igreja?

«Tira as sandálias dos teus pés!» Tal é a ordem que recebeu Moisés e que conserva hoje ainda toda a sua importância. Deponhamos, à porta da casa de Deus, todos os nossos pensamentos ordinários, triviais, rasteiros, e lembrem-nos de que nosso Senhor por duas vezes purificou o templo! Ele deve também fazer o mesmo aos nossos corações. Queremos deixá-lo agir? — *H. Evard.*

Heroína anónima

Numa localidade do Texas, Estados Unidos, ocorreu terrível acidente de automóvel, ficando várias pessoas gravemente feridas. Muita gente para ali afluiu, contemplando a cena com horror, sem ninguém tomar a iniciativa de acudir aos sofrendores. Então apresentou-se uma jovem desconhecida, e perguntou se havia presente alguém que tivesse tido alguma preparação em primeiros socorros. Ninguém havia. Então, calma e eficientemente ela pôs mãos à obra. Sob a sua humilde orientação, outras mãos a ajudar a ministrar os socorros necessários, e duas horas depois

o último dos feridos estava em caminho para o hospital de Galveston.

— Ela parecia tão calma e cónscia do que fazia, disse um repórter, que tive desejo de saber mais acerca da sua pessoa.

Qual foi a primeira coisa que a anónima heroína disse ao ser interrogada?

— Sou adventista do sétimo dia. O meu nome não é necessário, pois não merece elogios, visto ter sido o nosso pastor quem nos mostrou quão necessário é saber prestar os primeiros socorros aos nossos semelhantes. Não só é isso o nosso dever cristão, mas todo o bom cidadão deve ser capaz de ajudar em tempo de necessidade. Os adventistas do sétimo dia em todos os Estados Unidos estão aproveitando esta maravilhosa oportunidade.

Nessas breves palavras a jovem fez mais, no sentido de se identificar, do que se tivesse declinado o nome.

«Sou adventista do sétimo dia». — *News Beat, Setembro de 1954.*

Depois de muitos dias

«Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás. «Esta grande verdade impressionou recentemente a minha atenção.

Durante a primeira Guerra Mundial, prestei, como soldado, o serviço militar em Del Rio, Texas. Como era o único adventista no quartel, procurava soldados que parecessem dispostos a orar e a estudar a Bíblia. Um jovem de Iowa chamado Casner ouvia atentamente, mas com pouca resposta ou decisão. Finalmente terminou a guerra, e voltámos para as nossas terras.

Com o andar do tempo entrei na obra do Senhor, casei-me, fui então chamado para a Conferência de New Jersey, como secretário de departamentos, e mais tarde para o campo missionário, onde minha esposa e eu passámos trinta anos.

Recentemente recebi uma carta desse soldado amigo, na qual dizia ter lido um breve artigo por mim escrito na «Review and Herald», por meio do editor da qual teve conhecimento do meu endereço. Cito a sua carta:

«Eu sou o mesmo homem a quem deu estudos bíblicos em Texas durante a primeira guerra mundial. Ainda tenho o *Aos pés de Cristo* que me deu enquanto estávamos na recruta. Se me não tivesse encontrado consigo duvido se hoje seria adventista. Como se lembrará, pouco depois de terminados os estudos fui transferido para El Paso, Texas. Continuámos a corresponder-nos, e mandou-me outro maravilhoso livro, *Estudos Bíblicos para o Lar*.

«Lembro-me de quando os oficiais traziam as caixas de munições da arrecadação. A sua decisão de não fazer exercícios com armas encorajou-me, e nunca levei armas durante o resto do tempo em que estive no exército. Pedi o Sábado livre e obtive-o. Frequentei então a igreja em El Paso. Depois de voltar para casa, continuei a frequentar a igreja adventista, e mais tarde fui baptizado. Quão feliz me sinto por ser adventista do sétimo dia. Podemos agora ver claramente que o tempo é muito breve, e assim desejo fazer todo o trabalho missionário que me seja possível para ajudar outros a encontrarem Cristo.»

Emissões em Angola

A Mensagem Adventista é, todas as semanas, irradiada através da EMISSORA DE BENGUELA, nas segundas-feiras, às 20,30 horas, nas bandas dos 31 e 60 metros, em onda curta.